



TRADUÇÃO

NATIVIDADE⁶⁴ DE ALBERTO MORAVIA

TRADUÇÃO DE RAFAEL COSTA MENDES E MATTIA DELMONDO

Rafael Costa Mendes

Université Sorbonne Nouvelle – Paris III, França
cmendes.rafael@gmail.com

Mattia Delmondo

Université Savoie Mont Blanc, França
edmondtomaltai@gmail.com

DOI: <https://doi.org/10.26512/caleidoscopio.v4i1.27000>

Recebido em: 02/09/2019

Aceito em: 29/05/2020

Publicado em dezembro de 2020

Os últimos convidados saíram do salão agora vazio e passaram à antecâmara. Lá, o último empregado esperava num canto, junto da pilha de sobretudos. Estávamos no meio do inverno; todos tinham cachecóis, peles, casacos, um monte de roupas para vestir, e então, enquanto pela porta já aberta para o patamar vazio um ar frio e puro vinha para combater o quente e abafado do apartamento, os convidados, um após o outro, desfilavam confusamente para agradecer e saudar Matteo e sua mulher. Ele apertava aquelas mãos de maneira séria e severa, e seus olhos azuis com olheiras turvadas fixavam-se por um instante com uma espécie de reprovação escrutinadora e cruel nos olhos da pessoa que se despedia; do fraque, um canto da camisa engomada saía em desordem, mas ele, corpulento, despenteado e pesado, não se importava minimamente e parecia mais querer que os seus convidados fossem embora. Sua mulher, ao contrário, era totalmente diferente: ela tinha os cabelos castanhos, ou melhor ainda, ondulados, era magra, apaixonante, com uns olhos queimados por uma espécie de fraco e histérico fanatismo, ela abraçava as amigas e agradecia calorosamente aos homens. Um após o outro os convidados, cansados e bêbados, saíam da antecâmara e acumulavam-se no patamar

⁶⁴ Alberto Moravia, *Se è questa la giovinezza vorrei che passasse presto. Lettere 1926-1940, con un racconto inedito*. Organização de Alessandra Grandelis, Milano, Bompiani, 2015, pp. 383-387.



com uma feia luz de velório, à volta da gaiola do elevador; mas talvez fosse tarde demais, o elevador não respondeu às chamadas, e finalmente a contragosto, aquele grupo de pessoas encaminhou-se pela escada. Por um instante Matteo seguiu-os com os olhos: ouviam-se ressoar na escadaria as vozes graves dos homens, ouvia-se uma mulher rir intensamente; depois ele fechou a porta.

Da antecâmara os dois, Matteo e sua mulher, passaram para o salão. Branco e dourado, um pouco apertado, com seus grandes estuques e suas cadeiras vazias dispostas contra a parede, tinha um aspecto particularmente sombrio; uma fumaça fria e já envelhecida enchia o ar, os resíduos dos *cotillon* estavam espalhados pelo chão. “Esta é a minha vida” pensou, aproximando-se como um autómato do piano, que estava num canto, e apoiando-se sobre ele “Esta é a minha vida...este chão cheio de porcaria...que grande sucesso!... que esplendor!...”. O tédio e a hipocondria que tinha ruminado durante toda a noite agora lhe davam um nó na garganta. Ele levantou os olhos:

– Maria – disse com um tom de voz sério e quase petulante – aqui o ar está pesado...abre as janelas...precisamos de ar...

Uma rajada de tempestade entrou pela janela aberta, choveu furiosamente no parapeito e no chão, as serpentinas que se penduravam no lampadário balançaram, todos sobressaltaram-se com um arrepio; do piano, Matteo passou ao *buffet*, e serviu-se de algo de uma garrafa vazia por três quartos. Foi aqui que sua mulher o encontrou.

– Bom, como ocorreu? – perguntou ansiosa e suplicante colocando, como se estivesse angustiada ou com medo, uma mão sobre seu pescoço – Tudo bem, não é?... todos disseram que se divertiram tanto... e que o *buffet* estava delicioso... olha para isto... não deixaram quase nada...

Não obstante a sua leve corpulência e os seus olhos azuis, Matteo podia ser feroz, como sabem ser também os hipocondríacos, e o é sem sombra de piedade ou de um simples resguardo.

– Vamos para a cama... – disse depois de acabar o seu copo – e não vamos falar da festa...é melhor não voltarmos a falar disso...

– Mas por quê? – perguntou a sua mulher consternada – por quê?... não gostaste da festa?



Ele olhou-a intensamente com aqueles olhos frios e exaustos, depois encolheu os ombros e foi até a porta, mas à porta ouviu uma espécie de lamento. Virou-se: sentada, junta à mesa do *buffet*, com a cabeça quase apoiada sobre um daqueles pratos imundos, a mulher chorava.

Matteo retornou.

– E agora por que choras?... o que se passa contigo?

Por um instante não houve resposta; para então:

– Ainda é o mesmo de sempre – iniciou com uma voz afável – o mesmo derrotista de sempre... nunca estás satisfeito... tinha preparado tudo com grande cuidado... convidei somente pessoas de bem... ficaram todos felizes, todos divertiram-se... e tu... tu me trata assim... Mas ao menos – ela acrescentou levantando a sua cabeça abruptamente e mostrando aquela seu rosto magro e apaixonante todo riscado de lágrimas – ao menos, se soubesse o que preciso fazer para ver-te feliz... o que se pode fazer mais do que convidar pessoas, ver gente, sair, ter amigos, tentar se divertir?... O que se pode fazer mais? Não é essa a vida?... O que fazem os outros?...

– O que fazem os outros? – ele repetiu ironicamente. Estava a olhar para seus ombros pontiagudos, ali, embaixo da massa de seus cabelos ondulados, e pensava vagamente, em busca de uma comparação, na felicidade do primeiro ano de casamento, na sua esperança de ter filhos, em todas as coisas boas desejadas e não obtidas. A infertilidade da sua mulher tinha negado-lhe a paternidade, e o amor tinha se transformado por sua vez. Ficava o trabalho, pura e simples administração das casas herdadas do pai, e aquela sua paixão maníaca por coleções de selos, uma paixão da sua adolescência mesquinha e mal-humorada, que ele nunca foi capaz de se livrar: o que fazer para preencher esse vazio? Rapidamente, ideias passaram-lhe pela cabeça: uma amante, uma viagem, o jogo, nada, nada teria sido útil. “Gostaria de filhos” concluiu para ele próprio, amargamente, “e essa aqui não o pode me dar” ...

– O que é a vida senão estar entre as pessoas, conhecê-las, fazer gentilezas para recebê-las?... – Continuou a voz da mulher em lágrimas. Ele então foi tomado de um rancor picuinha de homem gordo.

– A vida seria ter um filho – disse inclinando-se, veementemente – se soubesse desde o início que não podias ter filhos, nunca teria me casado contigo... E agora, vamos para a cama.



Saíram do salão e foram dormir. Durante a noite, Matteo foi acordado pelo bater hesitante de portas. Levantou-se de sua cama baixa e profunda e sem olhar para a mulher que dormia ao lado dele, chegou ao salão tateando. Pela janela ainda aberta ouvia a chuva respingar, a escuridão estava cheia de rajadas gélidas, nos cantos o vento brincava de esconde-esconde com os arranjos de papel do *cotillon*. “Que chova... que desça uma inundação... que todo o mundo se afogue...” ele repetiu, tomado de repente, no seu torpor, por uma tristeza raivosa. Então, enquanto ele inclinava-se para fechar as janelas, teve uma forte sensação de que havia alguém atrás dele. Assustado, virou-se: uma longa forma branca era de fato visível, logo ali, junto a porta, no fundo daquela sombria escuridão. Por um instante loucas suposições, ladrões ou fantasmas, vieram-lhe à cabeça, e cheio de medo colocou-se contra o parapeito. Depois, de muito longe, escutou o seu nome “Matteo” acompanhado de uma espécie de suspiro angustiado. “É Maria” compreendeu de repente.

Lançou-se na escuridão e tropeçou em algo pesado: uma banquetta apareceu bem a tempo para impedi-la de cair. Suportando da melhor maneira que pode aquele corpo magro todo enrolado numa camisa, ele passou do salão para a sala de estar adjacente e deitou a mulher num sofá. Então, depois de ter bebido, depois de ter observado ansiosamente, ela explicou: há muito tempo que ela não se sentia bem, mas esperou para contar a ele porque não tinha certeza e queria evitar novas desilusões. E depois daquela noite não tinha deixado um só instante de sofrer... e por isso não havia dúvida ... desta vez era verdade... ele... ela... enfim, eles iam ter um bebê...

Chegaram na cama. Durante a noite, ele ficou acordado com os olhos esbugalhados na escuridão. Não estava entusiasmado, a sua alegria se parecia mais com um vislumbre de luz no fundo de uma densa e hostil escuridão; mas esta luz se aproxima ainda mais, a escuridão desaparece, e agora só depende dele para que esta luz, para que esta esperança não se vá embora. Entre esses pensamentos, agora ouvia atentamente o barulho monótono da chuva, agora olhava ao lado dele, ali, onde na sombra sua mulher dormia.



LA NATIVITÀ⁶⁵ ALBERTO MORAVIA

Gli ultimi invitati uscirono dal salone ormai vuoto e passarono nell'anticamera; qui l'ultimo cameriere aspettava in un angolo, presso il mucchio dei pastrani; si era nel cuor dell'inverno, tutti ebbero sciarpe, pellicce, cappotti, un monte di roba da indossare, e poi mentre dalla porta già aperta sul pianerottolo vuoto un'aria fredda e pura veniva a combattere quella calda e viziata dell'appartamento, uno dopo l'altro, gli invitati sflavano per ringraziare e salutare confusamente Matteo e sua moglie; egli stringeva quelle mani con atteggiamento serio e severo, i suoi occhi azzurri tutti cerchiati e intorbiditi si fissavano per un istante con una specie di riprovazione scrutatrice e crudele in quelli della persona che si accomiatava; dal frak un angolo della camicia inamidata sbucava fuori in disordine, ma lui pingue, scapigliato e greve non se ne curava e pareva soprattutto desideroso che i suoi ospiti se ne andassero; tutta diversa era invece sua moglie: bruna anzi crespa, magra, ardente, con degli occhi bruciati da una specie di fiacco e isterico fanatismo ella abbracciava le amiche e ringraziava calorosamente gli uomini; uno a uno gli invitati, stanchi e ubriachi, uscivano dall'anticamera e s'affollavano là, su quel pianerottolo, in quella brutta luce da veglia, intorno la gabbia dell'ascensore; ma doveva essere molto tardi, l'ascensore non rispose alle chiamate, e infine a malincuore, quel gruppo di persone si avviò giù per la scala; per un istante Matteo li seguì con gli occhi: si udivano risuonare per la tromba le voci gravi degli uomini, si udiva ridere acutamente una donna; poi chiuse la porta.

Dall'anticamera quei due, Matteo e la moglie, passarono nel salone; bianca e dorata, questa sala un po'stretta, con quei suoi grossi stucchi e quelle sue sedie vuote disposte contro le pareti, aveva un aspetto particolarmente tetro; un fumo freddo e già vecchio riempiva l'aria, i residui del cotillon erano sparsi sul pavimento: "ecco la mia vita" egli pensò, avvicinandosi macchinalmente al pianoforte, là nell'angolo, e appoggiandovisi "ecco la mia vita...questo pavimento sparso di porcherie...che bella

⁶⁵ Alberto Moravia, *Se è questa la giovinezza vorrei che passasse presto. Lettere 1926-1940, con un racconto inedito*. Organização de Alessandra Grandelis, Milano, Bompiani, 2015. Pp. 383-387.



riuscita!... che splendore!...”; La noia e la ipocondria rimasticate per tutta la sera ora gli facevano un nodo alla gola, alzò gli occhi:

– Maria – disse in tono serio e quasi petulante – qui c’è odor di prossimo...apri le finestre...aria ci vuole...

Una folata di tempesta irruppe dalla finestra aperta, piovette rabbiosamente sul davanzale e sull’impianto, le stelle filanti pendenti dal lampadario oscillarono, tutto il salone trasalì rabbrivendo; dal pianoforte Matteo passò al buffet, e si versò qualche cosa da una bottiglia per tre quarti vuota; fu qui che la moglie lo raggiuse.

– Ebbene, come ti sembra che sia andata – domandò ansiosa e supplichevole mettendosi, come se avesse provato angoscia o paura una mano contro il collo – Bene, non è vero?... tutti hanno detto che si sono molto divertiti... e il buffet era magnifico... guarda... non hanno lasciato quasi nulla...

Nonostante la sua leggera pinguedine e i suoi occhi azzurri, Matteo poteva essere feroce, come sanno appunto esserlo gli ipocondriaci, e cioè senza l’ombra della pietà o del semplice riguardo.

– Andiamo a letto... –disse dopo aver vuotato il suo bicchiere – e della festa non parliamone...sarà meglio non parlarne...

– Ma perché? – domandò la moglie già atterrita – perché?... non ti è piaciuta?...

Egli la guardò fissamente con quei suoi occhi freddi e stravolti, poi alzò le spalle e si avviò verso la porta; ma sulla soglia udì una specie di singhiozzo, si voltò: seduta, appoggiata alla tavola del buffet, con la testa quasi posata sopra uno di quei piatti sudici, la donna piangeva.

Matteo tornò indietro.

– E ora perché piangi?... cosa ti succede?

Per un istante non ci fu risposta; poi:

– Sei sempre lo stesso – incominciò la voce piangevole – sempre lo stesso disfattista... niente ti va bene... avevo fatto tutte le cose con tanta cura... avevo invitato tutta gente carina... tutti sono stati contenti, tutti si sono divertiti... e tu... tu mi tratti in questo modo... Ma almeno – ella soggiunse alzandosi bruscamente la testa e mostrando quel suo viso magro e ardente tutto rigato dalle lagrime – almeno sapessi cosa debbo fare per vederti felice... cosa si può fare di più che invitare gente, vedersi, frequentare, aver degli amici, cercare di divertirsi?...Cosa si può fare di più? non è forse questa la vita?... cosa fanno gli altri?...



– Eh già cosa fanno gli altri? – egli si ripeté ironicamente; guardava quelle spalle aguzze, là, sotto la massa dei capelli crespi, e pensava vagamente, come per contrasto, alla felicità del primo anno di matrimonio, alla sua speranza di aver figli, a tutte le belle cose desiderate e non ottenute; la sterilità della moglie gli aveva negato la paternità, e l'amore se ne era a sua volta andato; restavano il lavoro, pura e semplice amministrazione delle case ereditate dal padre, e quella sua passione da maniaco per le collezioni di francobolli, passione della sua adolescenza avara e musona, che non gli era mai più riuscito di scrollarsi di dosso: come fare per riempire questo vuoto? rapide immaginazioni gli passarono per la testa: un'amante, un viaggio, il giuoco, niente niente avrebbe servito; "dei figli ci vorrebbero" concluse tra sé, amaramente, "e questa qui non ne può dare"...

– Cos'è la vita se non stare tra la gente, conoscerla, far delle gentilezze per riceverne?... – continuava la voce della piangente; gli venne un astio puntiglioso di uomo grasso.

– La vita sarebbe avere un bambino – disse chinandosi, con forza – se avessi saputo prima che non ne potevi fare non ti avrei mai sposata... E ora andiamo a letto.

Uscirono dal salone, andarono a dormire. Tardi nella notte, Matteo venne svegliato da uno sbattere titubante di porte; si alzò da quel suo letto basso e profondo e senza degnare di uno sguardo la moglie che gli dormiva accanto, si recò a tastoni nel salone; dalla finestra tuttora aperta si sentiva la pioggia spruzzar dentro, l'oscurità era piena di soffi gelati, negli angoli il vento giuocava a rimpiattino cogli ornamenti di carta del cotillon. "Piova... venga giù il diluvio... si affoghi tutto il mondo..." egli si ripeté, preso ad un tratto, attraverso il torpore di una rabbiosa tristezza; allora, mentre si sporgeva per chiudere le imposte, ebbe la netta sensazione che qualcheduno gli stava alle spalle. Impaurito si voltò: una lunga forma bianca difatti era visibile, là, presso la porta, in fondo a quella livida oscurità; per un istante delle pазze supposizioni, ladri o fantasmi, lo inchiodarono, pieno di spavento contro il davanzale, poi, da molto lontano, gli arrivò il suo nome "Matteo" accompagnato da una specie di angosciato sospiro; "è Maria" capì ad un tratto.

Si slanciò in quel buio, incespìcò in qualche cosa pesante: uno sgabello la raggiunse appena in tempo per impedirle di cadere; sorreggendo come poteva quel corpo magro tutto avviluppato dalla camicia, egli passò dal salone in un salottino contiguo e distese la donna sopra un divano; allora, dopo aver bevuto, dopo averlo



guardato ansiosamente , ella spiegò: era molto tempo che non si sentiva bene, ma aveva aspettato a dirglielo perché non era sicura e non voleva dargli nuove delusioni, e poi quella notte non aveva cessato un solo istante di soffrire... e così non c'era dubbio... questa volta era proprio vero... lui... lei... insomma essi stavano per avere un figlio...

Tornarono a letto; per tutta la notte egli vegliò con gli occhi sbarrati nel buio; non era entusiasmato, la sua gioia rassomigliava piuttosto ad un barlume di luce che comincerebbe a baluginare in fondo ad una fitta, ostile oscurità; ma questa luce si avvicina sempre più, le tenebre si diradano sempre più, ormai dipende soltanto da lui che questa luce, questa speranza non se ne vada daccapo; tra questi pensieri ora tendeva l'orecchio al fruscio monotono della pioggia, ora guardava al suo fianco, là, dove nell'ombra la moglie dormiva.



Biografia do autor

Na esteira do sucesso alcançado com o romance *Os indiferentes* (1929), Alberto Moravia pintou a burguesia decadente italiana dos anos 30 com frieza lúcida, aproximando-se da sátira e do surrealismo para representar a iminente ameaça da guerra. Após a queda do fascismo e o entusiasmo inicial pela ascensão das classes populares (*Agostinho, Duas Mulheres*) que se iniciou a partir dos anos 60, Moravia representou as contradições do mundo contemporâneo durante o *boom* econômico (*La noia*), os anos dos Protestos de 1968 (*Eu e Ele*) e do Terrorismo (*A Virgem Guerreira*). Nos anos 80, seu trabalho reflete uma participação ativa como membro do Parlamento Europeu, sobretudo na questão da bomba atômica (*Inverno nucleare*).

Resumo da obra

A existência mundana e entediante de Matteo é revolvida pela novidade que sua esposa, Maria, anuncia: eles logo teriam um bebê. Por meio de um olhar altivo de um homem que encarna todos os vícios da burguesia italiana durante o regime fascista, Moravia coloca em cena uma espetacular aparição noturna de Maria, em uma ambígua coabitação entre o real e o mágico. Escritura realista ou paródia do acontecimento religioso, “La Natività” é um dos primeiros contos de Alberto Moravia, que carrega consigo a veia surrealista e satírica em voga na produção narrativa italiana dos anos 40.

Projeto de Tradução

O conto “Natividade” foi inicialmente publicado em 15 de setembro de 1929 no “Il Giornale d’Italia”. Realizado no fim dos anos vinte, o texto não tinha até então sido incluído em nenhuma publicação posterior de obras do autor, e por isso fora esquecido. Quando da publicação da correspondência de Alberto Moravia⁶⁶, em

⁶⁶ Alberto Moravia. *Se è questa la giovinezza vorrei che passasse presto. Lettere 1926-1940, con un racconto inedito*, organização Alessandra Grandeli. Milano: Bompiani, 2015



2015, organizado por Alessandra Grandelis, a narrativa veio novamente a público, embora apontado como um texto “menor” do escritor.

“Natividade” está entre os primeiros contos publicados por Alberto Moravia. Neste sentido, o objetivo desta tradução é a atualização da recepção da obra do escritor e jornalista italiano diante das novas descobertas que estão sendo realizadas sobre o autor. Para tanto, o procedimento tradutório adotado busca recuperar o significado do texto original e atualizá-lo em sua versão em língua portuguesa.

A essa perspectiva, segundo definido por Jean-René Ladmiral⁶⁷, chamamos de *cibliste*⁶⁸: “les ‘ciblistes’ entendent respecter le *signifié* (ou, plus exactement, le sens et la ‘valeur’) d’une *parole* qui doit advenir dans la langue-*cible*⁶⁹”. Por isso entende-se que as escolhas tradutórias feitas buscaram preservar o sentido do texto em sua língua-fonte mesmo que alguns aspectos formais sejam perdidos na transposição para a língua-alvo. Devido à origem latina em comum das línguas italiana e portuguesa, as dificuldades de tradução do significante, ou seja, das características formais do texto original, foram concentradas sobretudo nos aspectos de caráter idiomático de algumas estruturas de uso gramatical, como em certas expressões, usos de conjunções, determinantes, preposições e pronomes demonstrativos.

Podemos citar como exemplo o caso do sintagma “occhi azzurri tutti cerchiati e intorbiditi” que em português foi traduzido por “olheiras turvadas”. A escolha de “olheiras” para “occhi azzurri tutti cherchiati” preserva o sentido do que é dito em italiano, ainda que no original a imagem seja elaborada de forma diferente. Uma outra situação é a frase “gli venne un astio puntiglioso di uomo grasso”, que foi traduzida por “Ele então foi tomado de um rancor picuinha de homem gordo”. Após longo debate entre os tradutores, a escolha foi estabelecida dessa maneira em língua portuguesa, de modo a preservar o sentido mais próximo do que é dito, levando em consideração que o estereótipo de um “rancor picuinha de homem gordo” pertence à mentalidade italiana da época embora pareça estranho para o falante nativo de português.

⁶⁷ Jean-René Ladmiral. “Sourciers et ciblistes” em *Sourcier ou cibliste*. Paris: Éditions Les Belles Lettres, 2014. Pp. 3-27.

⁶⁸ Neologismo derivado da palavra *cible* em francês que significa *alvo, meta, objetivo*.

⁶⁹ Idem, p. 4.



REFERÊNCIAS

Alberto Moravia. *Se è questa la giovinezza vorrei che passasse presto. Lettere 1926-1940, con un racconto inedito*. Organização de Alessandra Grandelis. Milano: Bompiani, 2015, pp. 383-387.

Jean-René Ladmiral. “Sourciers et ciblistes”, in *Sourcier ou cibliste*. Paris: Éditions Les Belles Lettres, 2014.

Biografia dos autores

Rafael Costa Mendes é doutorando em Literatura comparada e francesa na Universidade Sorbonne Nouvelle – Paris 3 (França). Sua tese, em desenvolvimento, trata sobre transferências culturais e traduções bíblicas nas obras de Haroldo de Campos e Henri Meschonnic. Publicou recentemente os artigos “*Haroldo de Campos, passeur anthropophage: le transfert de Henri Meschonnic au Brésil*” (Binges, 2019) e “*Le décentrement dans la transcréation biblique de l’Éden, de Haroldo de Campos*” (Ravenna, 2019).

Mattia Delmondo é doutorando em Língua e literaturas romanas na Universidade de Savoie Mont Blanc (França). Desenvolve uma tese na área de estudos italianos sobre a produção surrealista e satírica de Alberto Moravia. Entre suas últimas publicações figuram “*Fenomenologia dello spettro: fantasmi, miraggi e demoni nella narrativa di Alberto Moravia*” (Bergamo, 2019), “*La natività di Alberto Moravia, tra ‘realismo magico’ e ‘irrealità quotidiana’*” (Iasi, 2019) e “*La tragi-comédie de l’altérité dans le roman Moi et lui d’Alberto Moravia*” (Besançon, 2020).